



PhD Consultores Ass. Intl

4. A ESTRATÉGIA PERFEITA – UMA MENTIRA DE 250 ANOS

“Nós podemos tornar nossa vida feliz ou miserável.
As duas coisas dão o mesmo trabalho.

Carlos Castañeda

Lei do “Livre Mercado”

Para vender produtos quem define os preços
é o vendedor.

Para vender trabalho quem define os preços
é o comprador.

Graccho Maciel

O ano era 2005 mas podia ser 2006, ou 2007, ou antes de 2000. A imagem não muda, ao contrário, só piora. As conseqüências da mais doura economia são consideráveis. Diz Bernard Mariz que seus amigos economistas se recusam a falar sobre a “realidade econômica”, preferindo conversar sobre amores, vinhos, livros, artes e música. Durante um tempo pensava que estava errado, mas eles tinham razão. Em economia eles não sabem do que estão falando, então preferem não falar. É quase tão insuportável para um economista teórico ouvir um comerciante de economia vendendo seu peixe econômico(análises econômicas) pelo rádio ou pela TV quanto ouvir uma busina de carro enguiçada.(MARIZ,B. 2000)

Eis abaixo um dos “brilhantes” resultados do seu “trabalho”:



No início este capítulo tinha por título Uma Mentira de 250 Anos. Ao ir agregando os fatos históricos e suas conseqüências fui modificando minha opinião – não que deixasse de acreditar que seja uma mentira, mas a concordar com von Clausewitz que *“a melhor estratégia é tirar do inimigo a vontade de lutar”*.

Será que existe estratégia melhor do que fazer todos acreditarem que uma mentira é uma verdade? E a partir daí todos comecem a defendê-la como se verdade fosse, e até a pautar por ela seus comportamentos mais cotidianos?

Pois esta é a história real da Economia como ramo da “ciência social”. De uma mentira primária, incapaz de suportar uma análise crítica ou apenas um confronto com a realidade, passou a comandar o discurso e a ideologia pela qual os povos e países se orientam e suas fantasias são repetidas até nos manuais de ensino das faculdades, além de encherem a mídia falada, escrita e televisada com “doutos” comentários sobre os destinos dos mercados mundiais e das instituições atreladas a eles, tudo com a maior desfaçatez, e sem a menor chance de estarem falando alguma coisa que possa vir a ser comprovada. Ao contrário, a história mostra com fartura de detalhes que as previsões dos economistas foram todas erradas. Como diria um Administrador, “os economistas estão muito bem preparados para explicar a crise que passou”.

Mais cáustico estava o Dr. Alfred Malabre, ao escrever “Os Profetas Perdidos”. Malabre é o editor chefe do Wall Street Journal, talvez o maior jornal de economia do mundo, e é Ph.D. em Economia. Na página um do capítulo um ele comenta sobre o fato da economia ser considerada uma ciência – e diz:

uma



“Na melhor das hipóteses, a economia é pseudo-ciência e, na pior, é um jogo de adivinhação praticado por vigaristas expertos”. (MALABRE, A. 1998)

COMO TUDO COMEÇOU

O feudalismo estava agonizando e o feudo, palavra para a propriedade, posse de terras, estava sendo re-dividido. Transferências de terras só por doação ou conquista. O feudo era composto por três porções: Uma para uso do Senhor, a *demesne*, donde vem a palavra domínio; outra era arrendada e cultivada pelos camponeses em que uma parte da colheita era do senhor, correspondente à uma taxa. Este não era um arranjo contratual ou de mercado. A quantidade do senhor lhe pertencia por direito de herança. A terceira parte era a área comum com moinhos e florestas e de uso de todos. No caso de má colheita o senhor tinha o dever de atender a seus camponeses e a igreja mantinha a ordem social centrada nos princípios do cristianismo.

Na segunda metade dos 1700, famílias de judeus fugiam às centenas de países conquistados pelos muçulmanos para procurar refúgio com católicos e protestantes no

norte da Europa ou nas Américas, onde sua existência era aceita sem maiores riscos. No sul da Europa católica foram perseguidos, alguns enforcados ou queimados em fogueiras e muitos se convertiam ao catolicismo para sobreviver, mudando de nome para tentar se ocultar na imensa massa de pobres que cercava a nobreza. O truque não dava certo porque as famílias nobres de Espanha e Portugal não aceitavam estes “intrusos” como parte da família. A solução foi inventar nomes e os nomes de plantas, macieira, pereira, noqueira, ou de animais, coelho, leão, carneiro, ou até de instrumentos como machado, carreiro, chibata, silva, tudo servia para esconder os nomes proibidos e manter uma vida comum, ainda que sobressaltada.

Sua vida não era tranqüila mesmo nos países que os recebiam. Na maior parte deles mesmo os convertidos eram proibidos de exercer profissões comuns, sendo a eles apenas permitido ofícios considerados impuros ou desclassificados, embora pudessem ser classificados entre os melhores em quase todos os ofícios. Mesmo assim, em Arles, na França mais tolerante, judeus eram fabricantes de sabão, outros corretores marítimos, ou detinham o monopólio de artesanato em coral. Em Nápoles são encontrados no tingimento de tecidos, primeira indústria, e na exploração das minas e dos metais. Ferreiros e alquimistas eram considerados bruxos, suas forjas e provetas tinham parte com o diabo. Alguns que ascendiam na escala social eram médicos pois a eles era permitido dissecar cadáveres. Dos anos 1300 em diante até os pequenos ofícios e profissões artesanais lhes são proibidas. Em numerosos lugares da Europa só lhes são permitidos o comércio de cavalos, o ofício de açougueiro e a mais terrível destinação – o de comerciante prestamista.

Os judeus sempre foram um povo a parte e sempre na onda da história. Não foi por acaso que dentre eles estavam os maiores cientistas do século XIX e XX. Sua vantagem reside na educação obrigatória a que estão submetidos desde cerca de quatro anos de idade. Começam a aprender a ler, escrever, história sagrada, e matemática. Isto os tornava – e ainda torna – um povo diferenciado no meio de grandes massas ignorantes e de pouca cultura como são as sociedades civis até agora. Tornando-se um povo altamente erudito, seus filhos tinham a obrigação de frequentar escolas e aprender a arte das finanças ou “como lidar com o ouro e o dinheiro”. Sua prática de ler a Lei – seu livro sagrado – e se reunir para discutir seus ensinamentos adaptando-os à realidade em que viviam, trouxe-lhes uma aguçada compreensão da realidade e das culturas dos povos que os cercavam e onde eles tentavam refazer sua vida, sem abandonar sua crença. Seus escritos serviam como guia de suas práticas nos negócios como também serviram para os que com eles conviviam.

Restringidos a atuar no ramo impuro do comércio na sua maioria, conseguiram tal eficiência em suas atividades que o sistema monetário da Europa se asfixiou diante das demandas de mercadorias. O volume de meios de pagamento não era mais suficiente para cobrir as necessidades dos camponeses, artesãos, mercadores e sobretudo de senhores e monarcas. Era necessário haver crédito, muito mais que em tempos anteriores. O mundo europeu necessitava urgentemente de empréstimos.

O acadêmico Jacques Atalli descreve a situação daquela época:

“O empréstimo e o prestamista existem respectivamente como a imagem da maçã e da serpente do Jardim do Éden.” Portanto, o prestamista é odiado por aquele a quem presta serviço, mesmo que as condições do empréstimo não sejam usurárias.

Além disso, a Igreja se inquieta por ver o crédito reforçar os monarcas, que se opõem a ela, e as cidades, onde o enquadramento dos corpos e das almas lhe é mais difícil que no campo. Por conseguinte, continua proibindo a todos os cristãos a concessão de empréstimos; mas, paradoxalmente, não proíbe os fiéis de contraí-los. Assim, é total o impasse entre as necessidades econômicas e a ideologia religiosa.

A partir do século XI, quando o feudalismo está dando a luz à ordem mercantil e ao Estado-Nação, não há mais ninguém, afora os judeus, para exercer o comércio de dinheiro. Nos séculos precedentes eles já começaram a fazê-lo. Agora, vários dispõem dos recursos monetários para isso: comerciantes e artesãos, por serem judeus são proibidos de fazer aquisições territoriais e, preocupados com dispor de meios que lhes permitam fugir às pressas em caso de ameaça, casos que se repetem cada vez mais intensamente, aprendem a acumular bens líquidos em moeda, ouro e pedras preciosas, que eles podem emprestar enquanto continuam exercendo sua outra atividade, se tiverem o direito de exercer alguma. Por outro lado, as taxas de juros são de tal ordem (às vezes ainda mais de 60 por cento ao ano, em razão da demanda e dos riscos) que essa liquidez aumenta rapidamente. Embora não fixem à vontade as taxas, controladas em parte pelas autoridades, eles são bastante livres para definir as condições de pagamento.

A Igreja ainda sublinha horrorizada que "o dinheiro não pode gerar dinheiro"; vozes ultrajadas misturam economia e sexualidade em sua denúncia contra o caráter monstruoso dos juros, produto dos "amores" culpados entre o prestamista e seu devedor. (ATALLI, J., 1982)

Desde o século XII, certas regras locais estabeleceram como condição, para acolher as comunidades judaicas, que elas exercessem essa atividade. Às vezes, exigem até que todos os chefes de família sejam penhoristas - além de terem outro ofício - como era o caso em Neuhaus, cidade na Boêmia. Também no século XIII, a primeira carta de estabelecimento concedida aos judeus da Polônia menciona a atividade de prestamista como uma das profissões exigidas. Em 1236, o imperador aceita os judeus como *servi nostri* em troca dos seus serviços como prestamistas.

Os rabinos dos séculos XI e XII estão perfeitamente conscientes dos perigos inerentes à aceitação de um tal papel; já em Bagdá, no século X, comunidades inteiras foram perseguidas porque alguns de seus integrantes haviam concordado em exercer o ofício de banqueiros. Se as perseguições aos prestamistas foram, até aqui, raras na Europa, é que o crédito era insignificante nesse continente. Os *rabinos* debatem longamente o assunto. Trocam-se cartas que retomam sempre à mesma pergunta: por que correr o risco de se fazer massacrar por devedores enfurecidos? Melhor enriquecer mais devagar, mas a riqueza tem pressa.

Rabbi Ishmael recomenda que a proibição de emprestar a juros aos judeus seja estendida aos não-judeus, exceto se não houver outro meio de ganhar a vida. Em outras palavras, não corram esse risco, salvo por urgência absoluta! Em contrapartida, outros rabinos não se opõem: na França, *rabbi* Mordechai, citando Rabi de Troyes, aprova o empréstimo a juros entre judeus quando este é conduzido por um intermediário que mascara o destinatário final; mas a maioria dos comentários o rejeita, exceto se o lucro for destinado à *tsedaka*, isto é, aos pobres. Em 1160, um dos netos de Rabi *Rabbenu* Jacobs - assim como, no mesmo momento, Maimônides no Egito - interpreta a permissão de emprestar a pessoas estranhas ao grupo como uma

obrigação moral. O clássico de Maiomônides Um Guia aos Descaminhados já mostra que os judeus etvam se desligando de sua fé mais pura e se deixando levar pela ganância. Deve-se colocar os próprios bens à disposição dos estranhos, ele acrescenta. Pore´m, um raciocínio muito moderno, que será retomado por Adam Smith, parece distorcer suas recomendações. E fica definido que o empréstimo a juros é do interesse do tomador, pois leva-o a adotar decisões racionais, ao passo que o empréstimo sem juros falseia os cálculos econômicos.

A maior parte das conhecidas revoluções e as guerras no continente europeu tiveram como financiadores banqueiros e prestamistas que haviam enriquecido, fundado bancos, casas de câmbio e de empréstimos, instituído papéis de comércio. A guerra civil americana e até a revolução francesa tiveram sua ajuda. E em todas as revoluções a liberdade é um dos pontos principais, não só por permitir que sejam livres dos guetos como para ter o direito de exercer as profissões nas quais eram mestres, como medicina, filosofia, música, direito, engenharia, metalurgia, química, papelaria, editoras de livros, escolas, e várias outras.

Apesar de tudo, ainda a igreja católica continuava a perseguir os judeus e a condenar os lucros derivados de um preço considerado injusto e o empréstimo a juros como pecado da usura. Sua influência só diminuiu a partir dos anos 1600 quando a ciência começou a explicar o universo de forma considerada racional ou científica por Isaac Newton. Em seqüência as explicações da criação e da vida por estudiosos passaram a ser consideradas ciências quando envolviam cálculos e palavras semelhantes às usadas pela mecânica de Newton. Com fórmulas matemáticas e forças de atração e repulsão, pensadores contestavam os dogmas da igreja, apesar de Newton repetir sempre sua crença em Deus. A Razão ou o raciocínio substitui a verdade revelada da fé e cria toda uma nova era na sociedade alterando as distribuições de poder.

Este movimento surgiu na França do século XVII e defendia o domínio da razão sobre a visão teocêntrica que dominava a Europa desde a Idade Média. Segundo seus filósofos denominados iluministas, esta forma de pensamento tinha o propósito de iluminar as trevas em que se encontrava a sociedade. Os pensadores que defendiam estes ideais acreditavam que o pensamento racional deveria ser levado adiante substituindo as crenças religiosas e o misticismo, que, segundo eles, bloqueavam a evolução do homem. O homem deveria ser o centro e passar a buscar respostas para as questões que, até então, eram justificadas somente pela fé. A semente da razão dava sustentação para o crescimento da árvore das ciências naturais, sociais ou apenas humanas.

A apogeu deste movimento foi atingido no século XVIII, e, este, passou a ser conhecido como o Século das Luzes. O Iluminismo foi mais intenso na França, onde influenciou a Revolução Francesa através de seu lema: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Também teve influência em outros movimentos sociais como na independência das colônias inglesas na América do Norte e na Inconfidência Mineira no Brasil. Para os filósofos iluministas, o homem era naturalmente bom, porém, era corrompido pela sociedade com o passar do tempo. Eles acreditavam que se todos fizessem parte de uma sociedade justa, com direitos iguais a todos, a felicidade comum seria alcançada. Por esta razão, eles eram contra as imposições de caráter

religioso, contra as práticas mercantilistas, contrários ao absolutismo do rei, além dos privilégios concedidos à nobreza e ao clero.

Para não sofrer tanta perseguição, as práticas dos prestamistas judeus, os preços acima do preço justo que motiva os lucros e os empréstimos a juros, precisavam ser postos de forma que fossem aceitos como ciência, acima do julgamento dos governos e da igreja, ou seja, da lei e da fé. Ora, as ciências sociais estavam mostrando o caminho: bastava que as atividades dos comerciantes e prestamistas ou banqueiros fossem apresentados como uma ciência regulada por uma LEI NATURAL, e tudo estaria resolvido. Isto foi brilhantemente conseguido por Adam Smith.

Uma das biografias mais simplificadas de Adam Smith, considerado o Pai da Economia como ciência, mostra um reflexo disto:

Adam Smith (provavelmente Kirkcaldy, Fife, 5 de junho de 1723 - Edimburgo, 17 de Julho de 1790) foi um economista e filósofo escocês. Adam Smith era filho de um controlador alfandegário em Kirkcaldy, na Escócia. A data exata do seu nascimento é desconhecida, mas ele foi batizado em Kirkcaldy em 5 de junho de 1723, tendo o seu pai falecido seis meses antes. Aos 15 anos, Smith iniciou os estudos na Universidade de Glasgow, estudando Filosofia moral com o "inesquecível" (como lhe chamou) Francis Hutcheson. Em 1740, entrou para o *Balliol College* da Universidade de Oxford, mas, como disse William Robert Scott, "*o Oxford deste tempo deu-lhe pouca ajuda (se é que a deu) para o que viria a ser a sua obra*" e acabou por abdicar da sua bolsa em 1746. Em 1748 começou a dar aulas em Edimburgo sob o patronato de Lord Kames. Algumas destas aulas eram de retórica e de literatura, mas mais tarde dedicou-se à cadeira de "progresso da opulência", e foi então, em finais dos anos 1740, que ele expôs pela primeira vez a filosofia econômica do "sistema simples e óbvio da liberdade natural" que ele viria a proclamar no seu *Inquérito sobre a natureza e as causas da riqueza das Nações*. Por volta de 1750, conheceu o filósofo David Hume, que se tornou num dos seus amigos mais próximos.

Teve como cenário para a sua vida o atribulado século das Luzes, o século XVIII. É considerado como o pai da economia moderna e é considerado o mais importante teórico do liberalismo econômico. Autor de "Uma investigação sobre a natureza e a causa da riqueza das nações", a sua obra mais conhecida, e que continua a ser uma obra de referência para gerações de economistas, procurou demonstrar que a riqueza das nações resultava do trabalho dos indivíduos que, seguindo os seus interesses particulares, promoviam a ordem e o progresso da nação. Smith, servindo-se da livre iniciativa, ensinava que a produção nacional podia crescer através da divisão do trabalho, criando especializações capazes de aumentar a produtividade e fazer baixar o preço das mercadorias. As doutrinas de Adam Smith exerceram uma rápida e intensa influência na burguesia (comerciantes, industriais e financistas), pois queriam acabar com os direitos feudais e com o mercantilismo.

(Adam Smith, Wikipedia – 2006)

A profissão de seu pai indica uma das poucas que os governantes permitiam aos judeus, o controlador alfandegário, fosse para o controle de mercadorias ou a cobrança

de impostos. Na sua época era comum os Reis e Imperadores entregarem aos judeus o controle das finanças dos reinos e eles eram extremamente eficientes neste trabalho. Daí, os escritos de Smith refletirem as aspirações dos judeus em toda a Europa incluindo as terras da Rússia asiática, as Américas e o Oriente Médio onde eles tinham comunidades basicamente comerciais.

O mercado livre a que se refere Smith, livre da intervenção dos governantes era essencial aos comerciantes judeus pois os reis e imperadores costumavam ceder monopólios de comércio a determinados grupos da nobreza, como o da seda, o das especiarias, o dos tecidos de lã, o de algodão, o de abertura de bancos e casas de câmbio, entre outros. Isto era o que Adam Smith queria ver livre porque acreditava que os monopólios não favoreciam a expansão dos negócios, criticando a cessão de monopólios a membros da nobreza, depois a alguns de seus credores como pagamento de dívidas contraídas para pagar seus exércitos em guerra. Apesar destas críticas e de todo um discurso contra ao monopólios, as maiores fortunas continuam se mantendo dentro de famílias, como os Warburgh, os Sears, os Loeb, os Rostchilds, os Rockefeller, Os Morgan, e outras.

Assim, o que nós tomamos como Ciência da Economia, é apenas uma receita de como tratar o dinheiro, seja no governo seja nas mãos de financistas privados, banhada pelas idéias da liberdade de comércio e das forças de Newton. A seus praticantes se devem todos os instrumentos básicos de empréstimos, aplicações, papéis de negócio, ações e títulos.

Resta saber como foi feita a "lei" natural dos lucros e dos juros, depois chamada de teoria econômica. Segundo Smith, cada um podia agir segundo seus próprios interesses, ou melhor, cada um podia "e devia" ser egoísta e individualista à vontade pois um novo deus chamado Mercado distribuiria os resultados conforme sua justa participação.

Claro que este LIVRE MERCADO não era uma simples fantasia, era um excelente recado aos governos e à Igreja de que não interferissem nos negócios, e que lucros e juros jamais seriam prejudiciais. Criava-se o primeiro passo de uma nova Lei Natural.

Outro seguidor de Smith, David Ricardo, deu solidez a este mecanismo que, por si só, era simples e foi convincente até hoje: apresenta a decisão de comprar e produzir como dependente de duas variáveis básicas, as Quantidades –compradas ou produzidas – e os Preços.

No lado das compras – chamadas de Demanda, palavra mais adequada pois significa debate, luta – o comprador aceitava ou recusava os preços colocados pela oferta até que eles chegassem ao nível considerado bom para ele, comprador.

No lado das Vendas – chamadas agora de Oferta, palavra também mais impotente e menos agressiva – o vendedor ficaria à mercê da vontade dos compradores pois se estes não aceitassem seu preço ele voltaria para casa sem ter feito uma única venda.

A escolha das palavras é um dos pontos chaves na construção do modelo. Em lugar de vendas e compras que refletem já um resultado final, usa-se oferta e demanda ou procura, que refletem um movimento ainda sem resultado definido. Isto faz com que se imagine que as duas forças se apresentam ao mercado com as mesmas possibilidades de ação.

Se estivéssemos numa feira de produtos hortigranjeiros oferecidos para venda em barracas da feira livre de uma praça como nos tempos de Adam Smith, estes argumentos até seriam aceitáveis como são nas bolsas de valores. Eles cessaram de funcionar para os produtos trazidos nos navios que viajavam até a distante Índia correndo riscos de piratas e furacões para trazer as pimentas e outras especiarias para a Europa. Aí os preços eram os mais altos possíveis, os lucros também. E os juros dos empréstimos usados na sua compra seguiam a mesma linha. Os comerciantes e os prestamistas enriqueceram rapidamente e quiseram ser aceitos com os mesmos privilégios dos nobres, sendo prontamente rechaçados e perseguidos. O comércio e os empréstimos continuavam sendo feitos em pequena escala ao público comum, mas aos nobres e cavaleiros tinham de ser camuflados em operações sigilosas ou mesmo como parte de conspirações onde participavam pessoas misteriosas dizendo-se ser de sociedades secretas das quais se conhecem alguns nomes. Além destas práticas, para desenvolver o exercício da razão e do raciocínio, e poder fabricar instrumentos para suas experiências, grandes nomes esconderam suas atividades do grande público, do poder da inquisição e da autoridade dos reis e imperadores, como Robert Boyle, Isaac Newton, Robert Hooke, Christopher Wren, Samuel Pepys, e outros, todos portadores de conhecimentos especiais numa época de dogmas.

Porém, não bastava a riqueza num mundo dominado pela consangüinidade. A argumentação precisava de uma defesa muito mais forte que o simples enunciado de comportamentos humanos na feira. Precisava ser transformado numa Lei Natural – e isto foi conseguido pelo caminho da mecânica. Duas forças que se encontravam num ponto com iguais intensidades e sentidos contrários encontrariam um ponto de equilíbrio como na física. As duas forças seriam a Oferta e a Demanda – O Ponto de Equilíbrio seria atingido pelos Preços e a economia passaria a ser uma ciência.

Restava agora a demonstração matemática e o gráfico da função.

E aí, tudo se desmoronava.

A Oferta definia os Preços que deviam superar os Custos.

A Oferta ainda definia as Quantidades produzidas em função dos seus Custos.

Quantidades, quando definidas pela Demanda dependiam dos Preços.

Considerando que os Custos são os preços de materiais, energia, salários, impostos, ou mais alguns insumos, todos definidos por outros ofertantes, podemos dizer que:

Os Preços e as Quantidades da Oferta dependiam dos preços de outros.

As Quantidades da Demanda dependiam dos Preços da Oferta.

Os Lucros dependem do empresário e de até quanto ele pode aumentar.

Se quiser voar alto pode criar um diferencial para seu produto e começar a vender. E sempre irá enfrentar a incerteza de saber se a demanda quer comprar seu produto ou não se interessou. Não há regra nisso. Muito do que se fala nesta área são especulações feitas sobre os motivos psicológicos de compra que mudam ao sabor das informações e expectativas de cada comprador, muitas vezes inconscientes.

Podemos concluir, pela observação dos empresários, que sua preocupação está nos Custos de Produção e nos Lucros que podem auferir, o que determinará os preços, como no gráfico a seguir:

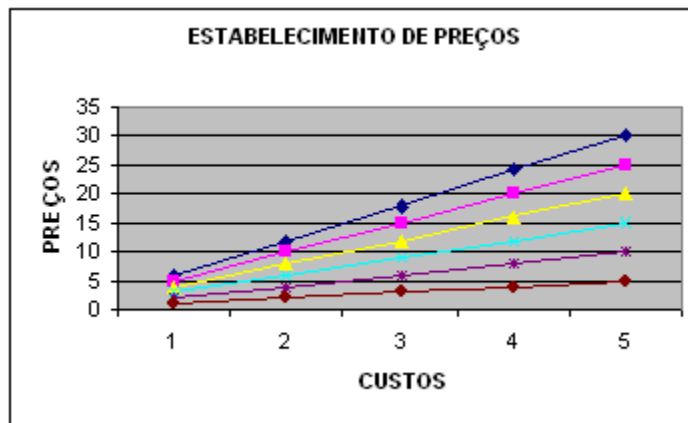


Gráfico 1 – Preços definidos pelo empresário em função dos Custos mais a taxa de Lucros escolhida, baixa, média, ou alta..

A razão disto é muito simples, é uma questão de bom senso: os custos dependem de decisões do empresário ao escolher uma tecnologia, enquanto os lucros dependem de decisões dos futuros compradores que devem ser em número substancial. Um conhecido instrumento de administração da produção, o modelo do Ponto de Equilíbrio, informa ao produtor qual a quantidade que deve produzir e vender para que os custos igualem as possíveis receitas a um preço que ele pode escolher mesmo já havendo produtos iguais ou semelhantes no mercado. A mercadotecnia sempre lhe possibilitará criar um novo motivo de compra associado a seu produto, mas se isto for muito complicado, basta entrar para a associação dos ofertantes daquela indústria e seguir seus preços.

O Gráfico 2 mostra como as Quantidades a serem produzidas dependem dos Custos e também são definidas pelo Empresário:

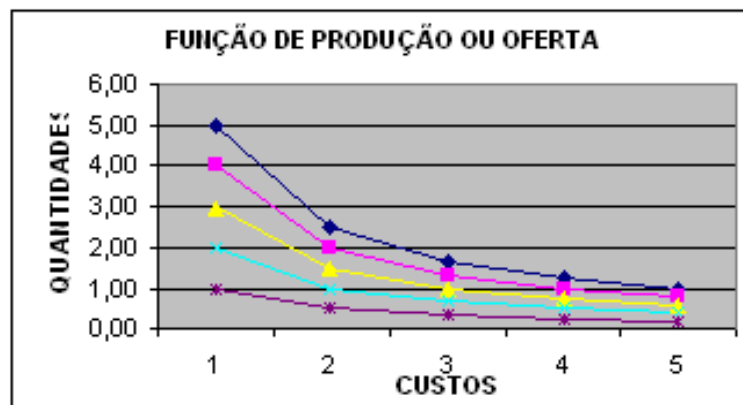


Gráfico 2 – Quantidades Produzidas definidas pelo empresário em função dos Custos –

O que o Gráfico mostra é que o empresário contabiliza (ou deveria fazê-lo) os custos de produzir e decide quanto produzir e ofertar. Se os custos são altos, ele produz poucas unidades, um avião a jato por exemplo. Sendo baixos ele aumenta a produção e sua oferta, como no papel de carta ou nos palitos.

Assim sendo, podemos descrever uma Função de Quantidades como a função que relaciona a variável Independente CUSTOS com a função QUANTIDADES PRODUZIDAS que devem ser depois ofertadas para venda, a um Preço que cubra todos os custos de produção, perdas, retrabalho, transportes, pontos de venda, custos de propaganda e vendas, impostos, depreciação dos ativos, empréstimos, juros, e algum imprevisto.

Lucros devem também ser cobertos, mas dependem preços de outros produtos e das quantidades vendidas. Por estarem em grande parte no domínio do subjetivo, torna-se difícil estabelecer funções que os contemplem.

Do lado da Demanda a situação é oposta. O comprador encontra os preços logo ao entrar numa loja. Dependendo de sua renda disponível ele decide qual a Quantidade está disposto a comprar.

O Gráfico a seguir irá mostrar como decide um comprador ao comparar o dinheiro que tem ou sua renda com os preços das mercadorias que deseja comprar:

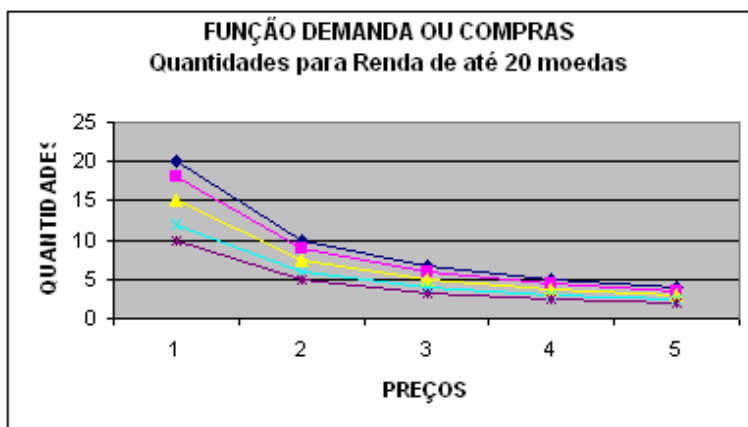


Gráfico 3 – Quantidades compradas como função do Preços.

O gráfico mostra o que todos já conhecem do seu dia-a-dia: Se os preços são altos o comprador compra menos, se são baixos ele compra maior quantidade, até um limite que depende de características pessoais, de ordem psico-social, não explicáveis pela análise da moeda.

Estranhamente, os manuais de economia não desenham assim. Colocam os preços no eixo dos Y e as quantidades no eixo dos X, contrariando as regras mais fundamentais da matemática. Edward Dowling, em seu livro Matemática Aplicada à Economia e Administração, da famosa Coleção Schaum, usado pela maioria dos estudantes dos cursos de Administração, diz textualmente no pé da página 20:

“2.3 – Em economia, na análise da Oferta e da Demanda, a variável independente Preços tem sido tradicionalmente representada graficamente no eixo vertical, Y, e a variável dependente, Quantidades, tem sido representada no eixo horizontal X” (DOWLING, E. 1981, pág 20)

Dowling, como matemático, percebe a impropriedade do modelo mas apenas a assinala. Se aprofundarmos a questão chegaremos a um ponto bastante incômodo. Assim como seu mentor Adam Smith construiu explicações para garantir sua pensão

vitalícia e a cadeira na Universidade, ele e seus seguidores criaram a ficção de um ente único e todo poderoso chamado Mercado, cuja "mão invisível" regularia a distribuição da riqueza com justiça e integridade, e suas leis não poderiam ser questionadas porque se revestiam da pureza das Leis Naturais como na Física.

Curioso ou, no mínimo instigante, é encontrar a expressão "Mão Invisível" em vários documentos considerados secretos porque produzidos por seitas religiosas ou simplesmente místicas, mas que se auto-denominava possuidoras de um segredo milenar cujo poder os permitiria guiar o destino das nações com uma Mão Invisível.

Na prática, defendiam os preços que serviriam de informação a todos os participantes, produtores e consumidores, e eram a resultante do encontro das duas forças de igual poder e sentidos opostos, o que determinava os preços de equilíbrio satisfazendo as duas partes igualmente. Isto permitia que Comerciantes, Financistas e Banqueiros pudessem estabelecer livremente Preços, Lucros e Juros, além de manter a continuidade da exploração do trabalho pelo Capital sendo também aplicada aos Salários, como demonstrou na época Thomas Hodgskin no seu A defesa do Trabalho contra as Pretensões do Capital(HODGSKIN, T., 1827), lutando contra a lei que protegia os capitalistas das associações sindicais dos trabalhadores. Segundo economistas da época como David Ricardo, salários baixos permitiriam custos de produção baixos, conseqüentemente preços baixos e lucros garantidos.

Segundo os economistas, os preços são desenhados como uma função das quantidades compradas, contrariando frontalmente os princípios básicos dos gráficos das funções matemáticas. Um estágio nas escolas de segundo grau talvez os ajudasse.

Este fenômeno pode até ocorrer no espaço restrito da Bolsa de Valores com o preço e as quantidades de ações que são compradas ou vendidas, mas sua generalização para outros mercados além de improcedente, é totalmente falsa. Primeiro porque produtos e serviços são elementos de um Sistema Produtivo onde há o consumo ou a destruição do produto em maior ou menor tempo, como ocorre com qualquer entidade física. Nos mercados de ações trabalha-se com Informações de Valor. Não há muita diferença entre o papel que representa uma Ação e o papel que representa uma Moeda. Seu custo de produção também é praticamente nulo. E não são consumidas como qualquer material. Ao contrário, circulam e mudam de mãos inúmeras vezes, só não chegando ao infinito porque há o desgaste material do papel com que são feitas, moedas e ações. Moedas cunhadas na época de Alexandre o Grande são encontradas até hoje nos grandes museus porque a informação não se acaba, pode até ser esquecida ou conviver com outra, mas não desaparece talvez por ser uma forma de energia. São dois universos que só se tocam pela vontade humana e pela subjetividade da confiança.

Este comportamento indica algo que os economistas parecem não querer ver. Os preços das ações surgem de uma banca de apostas de alto risco, em que apenas os grandes capitalistas especuladores ganham grandes somas, enquanto os demais ganham muito menos ou perdem. Finalmente, comparar a física do mundo material com os números atribuídos a informações é totalmente inseqüente e irresponsável. Esta afirmação torna-se mais verdadeira quando se estuda a Função Oferta tal como é descrita nos Manuais.

Além disto, pela razão histórica da origem das teorias das finanças desde antes do Império Romano, e que se cristalizaram num conjunto de práticas de controle de risco utilizadas pelos prestamistas e banqueiros, tanto judeus quanto não judeus, que se podem ler com clareza nas edições sucessivas do Talmude, e seus sucessores não judeus, livro de ensinamentos que pode ser tomado também como um precioso manual de economia de Moedas e Bancos, mas que não deveria ser aplicado sem adaptações ao sistema produtivo.(ver a respeito da história do dinheiro o livro Os Judeus, o Dinheiro e o Mundo, de Jacques Atalli, Editora Futura)

Pelas dimensões e importância a que chegou, evidentemente reforçada pelos grandes financistas "investidores", especuladores, banqueiros e grandes empresários, estas falsidades são desviadas das discussões. Quando os alunos de engenharia ou áreas das ciências exatas têm aulas de economia e questionam sua resposta sempre é a mesma "Em Economia é assim porque é", e os alunos se calam porque precisam passar nas provas, e também porque todo mundo fala a mesma coisa.

Realmente, temos que reconhecer o brilhantismo com que os prestamistas e comerciantes do passado convenceram a todos: sua estratégia ainda é a melhor, conseguir o domínio da mente do inimigo, melhor do que a energia que Tesla dizia haver produzido capaz de perturbar as mentes de soldados inimigos num campo de batalha. Ninguém, nem mesmo os professores de economia questionam a tramóia feita com a mudança de variáveis no gráfico da "lei" da oferta e demanda, como também nenhum deles se perguntou "por que foi feita?"

Aqui esperamos ter respondido a estas questões.

COMO FUNCIONA A ECONOMIA DOS ECONOMISTAS

Um dos conhecidos manuais de economia usado nas universidades, A Economia Moderna do Prof. e Dr. Kelvin Lancaster, 590 páginas da editora Zahar, apresenta o seguinte estudo:

Tabela 1

MERCADO DE MELANCIAS NOS ESTADOS UNIDOS (Quantidades expressas em milhões de toneladas por ano)				
Preços (Cent/libra)	Quant demanda p/ renda de US\$ 2.750	Quant demanda p/ renda de US\$ 3.000	Quant ofertada p/ salário agrícola US\$ 8,20	Quant ofertada p/ salário agrícola US\$ 7,50
1,5	1,50	1,69	1,26	1,29
1,6	1,42	1,60	1,29	1,32
1,7	1,35	1,51	1,32	1,35
1,8	1,28	1,43	1,34	1,37
1,9	1,21	1,37	1,36	1,39
2,0	1,17	1,31	1,38	1,41

Esta é uma estranha economia. Quando os preços aumentam diminuem as vendas. "Então, (toquem o fundo musical de suspense) mais melancias são postas à venda, e vendem menos, e os preços sobem, e mais ainda são postas à venda. De novo o fundo musical)" Que fantásticas as melancias do Dr. Lancaster.

Talvez ele estivesse contando a Oferta a cada aumento de preços, então contaria de novo as melancias que não foram vendidas, quem sabe? Sua fonte de dados foi L'Ésperance, "A case Study in Prediction: The Market for Watermelons", Econometria, 1964. Sua tabela original mostrava uma análise de influência de um aumento dos salários, da renda média do consumidor, ou dos preços, nas decisões de compras e de vendas planejadas no lado da oferta. Suas conclusões:

Tabela 2

Para um aumento de 1% em 1, 2 ou 3	1 salários dos agricultores	2 renda média do consumidor	3 preço das melancias
C o m p r a s planejadas	NÃO SE ALTERA	CRESCE 1,4%	REDUZ 0,9%
Vendas Planejadas	REDUZ 0,3%	NÃO SE ALTERA	CRESCE 0,3%

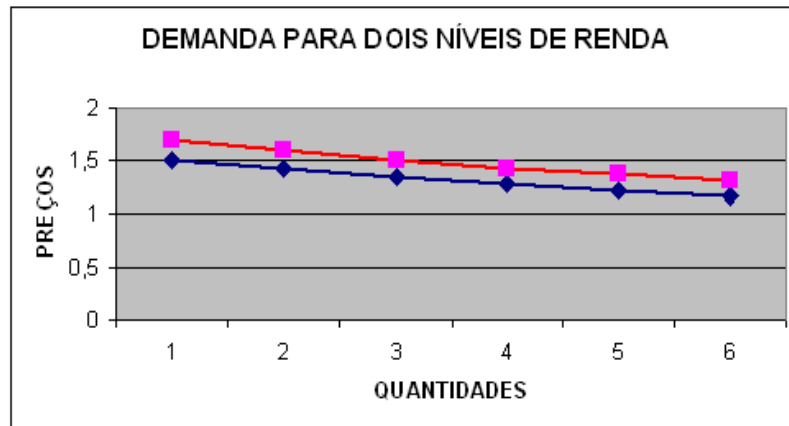
O autor destaca que compras e vendas se referem a Quantidades, e não a valores em dólares. Fonte LANCASTER, K. – op cit.

Devemos então concluir, tomando só a última coluna, que a um aumento de preço das melancias de 1% as REDUZEM-SE AS COMPRAS e CRESCE A OFERTA, tudo em Quantidades de melancias. Não sei como fizeram a conta ou estão contando as que ficam sem vender.

Classicamente a Função Demanda é apresentada sem maiores explicações como uma curva decrescente, cujos valores podem ser encontrados numa tabela como a primeira. Logo depois os Manuais apresentam uma tabela com duas colunas, numa os números crescem de baixo para cima e na outra de cima para baixo como nesta. Aqui houve apenas mais um cuidado de apresentar dados supostamente retirados de um mercado real.

O Dr. Lancaster demonstra ser mais criterioso que seus colegas. Seu exemplo apresenta duas séries de números a serem analisados. No primeiro os preços médios praticados em centavos de dólar por libra-peso de melancia são comparados com a demanda em milhões de toneladas/ano, para duas faixas de renda diferentes. Quando se divide um número fixo por uma quantidade que aumenta o resultado tem de ser uma série decrescente de valores. Pode-se observar que mesmo o Dr Lancaster não respeita os princípios básicos da matemática, colocando o eixo das funções na horizontal, Quantidades, e o da variável independente na horizontal, Preços. O gráfico desta tabela fica assim:

Gráfico da Demanda da Tabela 1



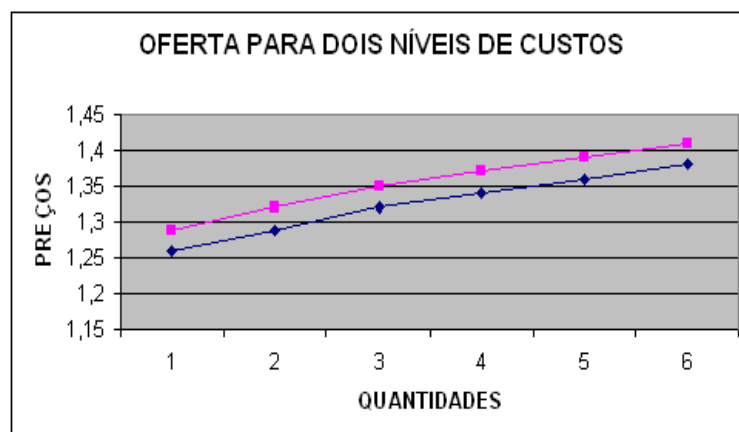
Como já havíamos demonstrado, o gráfico apenas retrata o resultado da divisão de uma renda ou quantidade de moedas quase fixa por um valor que aumenta, dando como resultado uma curva decrescente, indicando que PARA UMA RENDA MENOR AS QUANTIDADES DIMINUEM SE OS PREÇOS SUBIREM.

OBSERVE-SE A FALSIDADE DO AUTOR, UM DOUTOR EM ECONOMIA – OS EIXOS ESTÃO INVERTIDOS, A FUNÇÃO SÃO AS QUANTIDADES, DEVERIAM ESTAR NO EIXO DOS Y, VERTICAL E NÃO COMO NA FIGURA.

O problema aqui não está na curva mas na descrição da Função. Da forma com é apresentada as quantidades são a variável independente, decididas pelo comprador, cuja variação faz mudar as decisões do vendedor variando os níveis de preços, ou seja, os preços são função das quantidades.

A segunda série de números compara as variações dos preços com as quantidades de melancia ofertadas para diferentes NÍVEIS DE CUSTOS, no caso o salário médio agrícola. O gráfico desta segunda série ficaria assim:

Gráfico da Oferta da Tabela 1



Estas curvas chamadas de Oferta são tomadas para níveis diferentes de Custos ou seja, quando os custos de produção indicados pela sua maior parcela, os salários agrícolas, diminuem de US\$8,20 para US\$7,50 ao mesmo tempo que as quantidades aumentam saindo de 1,26 para 1,41 toneladas. Isto é o que o manual de

Lancaster chama de Oferta, numa tentativa de mostrar que a Oferta aumenta quando aumentam os preços. Fantástico.

Resta saber como esta explicação é aceita sem maiores restrições mesmo contrariando a lógica da própria demanda, pois se ela se reduz a oferta deveria também diminuir. Ou então estavam contando a sobra que não foi vendida.

Curioso porque, se os salários diminuem há menos renda para comprar melancias, em consequência a demanda deveria diminuir como foi mostrado no gráfico anterior. No entanto, se a oferta cresce quando diminuem os salários, pode significar que caíram os custos (salários agrícolas) e já vimos que para menores custos há a expectativa de poder baixar os preços e vender mais. Caso contrário, significa que a relação entre as quantidades ofertadas, demandadas e preços é, no mínimo, muito mal explicada. O que não é explicado é que, por dominarem a oferta de melancias nesta área, ou mercado, os produtores têm de reaver seus gastos não só para produzir com para transportar e vender, além de sua própria manutenção. Assim, quando as vendas começam a cair eles AUMENTAM os preços, mostrando que as suposições da tão famosa "lei" dos economistas não tem apoio na realidade, apenas serve para cruzar duas trajetórias num gráfico.

Veremos no capítulo sobre as Grandes Organizações que Bernard Nossiter mostra o comportamento de vários setores manufatureiros nos Estados Unidos praticam este aumento de preços quando cai a demanda, para manter suas receitas e assim recuperar o capital investido e mais os lucros.

Mas isto absolutamente não importa. O importante é manter a fantasia de que demanda e oferta têm o mesmo valor e força no Deus Mercado. Para qualquer interrogação ouviremos sempre a mesma resposta "Foi a Lei da Oferta e da Demanda" – e Lei Natural é revelada, dogma. Como você se atreve a discutir a Lei?".

Assim entendemos como se conseguiu afastar a interferência do Rei e da Igreja na formação dos Preços, dos Lucros e dos Juros – tudo uma Lei Natural. Falseada, passando por cima da própria matemática usada como instrumento de legitimidade, distorcendo a realidade para apresentar seu mito preferido – a lei natural da Oferta e Demanda que daria um equilíbrio de preços. Nele, pela mão nem tanto invisível do Deus Mercado, os vícios privados se tornam benefícios públicos. Ou será ao contrário? Deixemos a desigualdade do mundo julgar.

Voltando à nossa primeira página, eis de novo o seu resultado:



A figura é retirada de documento da FAO/ONU. Por quanto tempo estas pessoas suportarão “viver” desta maneira?

E nós, por quanto tempo veremos isto acontecer apenas para defender uma mentira grosseira, sem fazer nada?

E os profissionais de Administração, até quando vão continuar a destruir pessoas por acreditar numa mentira diluída nas páginas dos Manuais de Economia, que não suporta a crítica de um aluno de matemática de 2º grau?

Na contra mão destas proposições, na Alemanha levanta-se Georg Friedrich List. Nascido em 1789, um ano antes da morte de Adam Smith em uma Alemanha semi-feudal composta de um enorme conjunto de pequenos estados e cidades livres, cresceu e formou-se vendo o capitalismo se consolidar. Trabalhando no curtume de seu pai, reage ao “primitivismo” do trabalho. Ele pensava ser “dispensável quando havia disponível a força natural de um rio a ser aproveitado, bastando construir um moinho, liberando o esforço físico humano”.

Sua idéias entraram em choque com seus irmãos e ele se afastou indo para a burocracia da cidade de Wurttemberg. Publicou um panfleto sob o título “Teoria e Prática da Administração de Wurttemberg”, onde pela primeira vez se defendia a necessidade de treinamento para os funcionários públicos e administradores em geral.

Este seu trabalho, diz ele no prefácio de sua grande obra O Sistema Nacional de Economia Política, deu-lhe a firmeza das suas concepções totalmente opostas aos princípios do Livre Mercado de Adam Smith, de quem havia lido A Riqueza das Nações. Com base em suas convicções propôs a União Aduaneira Germânica, em que elimina as tarifas internas existentes entre os vários estados do país – seria aproximadamente como eliminar o nosso ICMS e ISS, ou seja, o trânsito livre de mercadorias e serviços no interior do país. Ao ser nomeado Ministro das Finanças da Alemanha, colocou em prática seu planos, fazendo surgir um intenso comércio dentro e fora do país, seguido

de uma onda de industrialização, devidamente protegida dos preços externos. Isto fez da Alemanha uma potência mundial na época. Ao contrário das teorias de Adam Smith, List trabalha com fatos e fez na Alemanha uma revolução social e política.

Na apresentação de seu livro publicado no Brasil Cristovam Buarque mostra que o pensamento de List se caracteriza por sete aspectos principais:

- 1) Uma metodologia que parte da experiência e observação do concreto.
- 2) Uma extrema consciência da Unidade Nacional como a base do bem estar dos povos.
- 3) A liberdade e a ousadia de pensamento e de imaginação que o levam a contestar as teorias, sem nenhuma amarra nem respeito exagerado aos antigos teóricos.
- 4) A percepção do dinamismo histórico tanto no passado observado como no futuro imaginado.
- 5) um objetivismo pragmático que se preocupa com a possibilidade de dar à ciência um papel indutor de ferramenta do processo social.
- 6) Uma visão claramente germanocêntrica da Europa em relação ao resto do mundo, com exceção aos Estados Unidos.
- 7) Para o leitor, a incrível atualidade de muitas de suas afirmações.

O próprio List diz em seu livro que, quando estava nos Estados Unidos teve de reaprender tudo. Sua época na Europa era do final de reinos e principados, onde o colonialismo florescia, enquanto nos Estados Unidos a liberdade e a livre iniciativa estavam por toda a parte. Seu aprendizado partia da observação empírica da realidade social ao contrário de Adam Smith que partia de leituras anteriores e pequenos deslizes, como a descrição de uma fábrica de alfinetes na França, realizada quarenta anos antes pelo Eng^o Jean Perronet e descrito no volume V da famosa Enciclopédia de Diderot, mas que Smith deu como se fosse dele.

List apresenta seu sistema como fundamentado na Nacionalidade recuperando para a teoria o conceito de Nação como unidade econômica. A partir do fortalecimento da indústria de tecidos na Inglaterra era conveniente para este país defender o livre comércio resultando no aumento do tesouro inglês.

List apresenta em seu livro, Sistema Nacional de Economia Política, uma forte rejeição ao livre comércio mostrando que a mão invisível de Adam Smith não era nada invisível, e necessariamente protetora dos países que se industrializassem mais rápido, empurrando os mais lentos ou menos industrializados para o papel de fornecedores de matéria prima a preços baixos, enquanto importavam manufaturados a altos preços, numa clara trajetória de descapitalização e pobreza, o que hoje pode ser verificado pela desigualdade entre países ricos e pobres, e ainda dentro de um próprio país. List antecipou os resultados do capitalismo quando este estava no nascedouro.

Ele anteviu muitas outras realidades sendo as principais delas a de que os sistemas sociais evoluíam, ao contrário dos economistas influenciados pela metafísica escolástica, e assim o faziam por influência das forças produtivas. Ele dizia "Quanto mais florescem a indústria e a agricultura tanto menos a inteligência humana pode ser acorrentada". Disse mais adiante "A história ensina que as nações podem e devem modificar seus sistemas de acordo com seu próprio progresso. No primeiro estágio adotando o comércio com nações mais adiantadas como meio de saírem de um estado

de barbárie. ...No segundo estágio promovendo o crescimento da indústria, pesca e a navegação adotando agora restrições ao comércio para proteger os mercados internos a suas indústrias e, no último estágio, após atingir o mais alto grau de riqueza e poder,, podem retomar ao comércio livre, claro, sem aceitar que seus industriais sejam ameaçados por produtos estrangeiros que, em último caso podem ser imitados".(LIST, F. pág XXII)

Marx ao se referir a List em O Capital, afirma que List pregava justiça social quando denunciava que "Os grandes domínios sejam explorados, sobretudo por seus próprios donos, só demonstra a falta de civilização, de meios de comunicação, de indústrias nacionais medíocres e de cidades ricas"(MARX, K. 1952). Para isto descreve como os nove mais desenvolvidos países da época haviam conquistado essa posição: Italianos, Hanseáticos, Holandeses, Ingleses, Espanhóis e Portugueses, Alemães, Russos e Norte Americanos. Depois de analisar o sucesso destes países ele descreve em seu capítulo X Os Ensinamentos da História, e aí desenvolve sua teoria e o desenvolvimento em suas fases.

List é ferrenho defensor da realidade que via – todos os países para se desenvolver adotavam barreiras ao comércio com quaisquer outros que ameaçassem o crescimento de suas indústrias. A obsessão de List era ver o bem estar do seu povo e a grandeza de sua Alemanha. Talvez seja esta a diferença dos economistas de hoje – pelo menos aqui, os que estão no governo são tutores do Presidente eleito, defendem sua própria riqueza e dos bancos que lhes asseguram sua pensão vitalícia – tudo herança de seu mestre, Adam Smith.

Analisando apenas o comércio exterior de Brasil e Estados Unidos, as barreiras americanas ao suco de laranja brasileiro para defender seus agricultores da Califórnia, ou as sobre tarifas do aço para defender suas pequenas siderúrgicas, só para lembrar alguns habitantes dos jornais e TV de ontem, vemos que List era o verdadeiro economista em quem deveríamos acreditar e seguir. Mas a força da estratégia mentirosa da teoria clássica nem deixa seu livro ser apresentado nas classes de economia, muito menos nas de Administração.

Quanta falta nos faz uma indústria de microprocessadores ou de aços especiais, ou ...ou...ou..., todas impedidas de vir, por falta de interesse ou por suborno mesmo dos órgãos de governo encarregados das políticas de desenvolvimento. Enquanto isto, a China importa nosso minério de ferro e depois nos vende trilhos para uma estrada de ferro, que servirá de corredor de transporte de matérias primas e commodities alimentando seu crescimento e o nosso atraso.

As políticas econômicas levadas a efeito pelo Banco Mundial FMI, BIRD e outros organismos internacionais, sob a capa do liberalismo de quem Friedrich von Hayek é considerado um dos pais, provocaram o maior índice de desigualdade social já registrado na história humana e ainda está levando todo o planeta à destruição e, junto com ele, toda a humanidade.

Era 11 de dezembro de 1974. A conferência em homenagem a Alfred Nobel estava sendo pronunciada por Friedrich von Hayek, um dos premiados com o Nobel em Economia. Dizia von Hayek, um dos pais do liberalismo:

"A ocasião particular desta conferência, combinada com o principal problema prático com o qual se afrontam hoje os economistas, tornou quase

inevitável a escolha deste tema. Por uma parte o estabelecimento ainda recente do Prêmio Nobel em Economia marca um ponto importante do processo pelo qual, na opinião pública, a economia tenha recebido a dignidade e o prestígio das ciências físicas. Por outra parte, pede-se aos economistas que expliquem como o mundo livre poderá livrar-se da ameaça de uma inflação acelerada, e uma desigualdade sem limites, uma ameaça criada – devemos admiti-lo – pelas políticas recomendadas e ainda aconselhadas aos governos pela maioria dos economistas. Com efeito, temos escassas razões para nos sentir orgulhosos: como profissionais, temos complicado as coisas.

Parece-me que esta incapacidade dos economistas para guiar a política econômica de maneira melhor se liga estreitamente a sua inclinação a imitar, na maior medida possível, os procedimentos das ciências físicas que têm alcançado êxitos tão brilhantes, uma tentativa que no nosso campo pode conduzir diretamente ao fracasso.

É este o enfoque que foi descrito como uma "atitude científica", mas na realidade, como já o defini há cerca de trinta anos, "é decididamente anticientífica", no verdadeiro sentido do termo, já que implica em uma aplicação mecânica sem nenhuma crítica de hábitos de pensamento a campos distintos daqueles em que tais hábitos foram formados. "O sentimento de excitação gerado pelo poder sempre crescente produzido pelo avanço espetacular das ciências físicas e que tenta o homem, existe o perigo de que este, embriagado de êxito, para usar uma frase característica do comunismo primitivo, trate de submeter ao controle da vontade humana não só nosso ambiente natural como o ambiente humano". ((HAYEK,F. Los Premios Nobel de Economía 1969-1977. Lecturas 25 Prólogo de Gustavo Romero Kolbeck. Banco de México, S. A. Fondo de Cultura Económica. México. pp. 245-258. Conferencia en homenaje de Alfred Nobel, pronunciada el 11 de diciembre de 1974. Tradução livre do autor)

Talvez os economistas ouçam as palavras de um de seus mais renomados mestres. Talvez não. De qualquer maneira, já é tarde, sua mentira já foi revelada, sua religião do dinheiro está por terminar. Ou por sua vontade ou pelo começo de uma nova civilização que se espera renascer depois da próxima catástrofe do aquecimento global para o qual suas mentiras tanto contribuíram.